

## NO FUNDO DA ÚLTIMA GAVETA DA CÔMODA

Luiz Henrique Costa de Santana<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

O livro *No fundo da última gaveta da cômoda*, escrito pela artista<sup>2</sup> Sofia Boito, lançado no ano corrente (2021), pela editora Patuá, é uma imagem que tende ao fidedigno na literatura brasileira contemporânea. Um texto que mescla o conto, o roteiro cinematográfico com ênfase nas descrições das imagens — e a poesia incutida nos espaços preenchidos pela experiência da falta — consegue proporcionar uma experiência imersiva ao leitor.

Esse livro está dividido em 5 seções que trazem vários gêneros imbricados, são elas respectivamente: *Retratos e 35mm*, *Instantâneos fotográficos e papéis rasgados*, *Fotos 3x4*, *Álbuns de viagens*, *Um cartão-postal*. Além dessas 5 seções que contém diversos escritos, a autora fez uma nota final sem título de nota, mas que corresponde a uma. O texto da orelha é assinado pela Livia Piccolo, editora da Antofágica e YouTuber do canal da mesma editora.

Em um livro curto de 96 páginas, Boito conduz o leitor ao fundo da gaveta da última cômoda. Mas nesse texto aqui seria ingênua implementar uma visão purista do texto, sem pensar na *macro-narrativa* que percorre toda a narrativa de todos os escritos. Assim, a presente resenha ressaltará essa narrativa maior e resumirá sistemicamente as seções deste livro, por fim imbricará aos títulos e os contos pensando na condição maior do narrador enquanto ser diegético do texto literário em prosa.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela UFPE, Educador Popular, Graduado no curso de Licenciatura em Letras — Português e Inglês, pela Universidade federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Professor Especialista em Cultura e literatura pela INTERVALE. Membro do Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT/ PUC Minas). Tem interesse em Literatura, Literatura e memória, Metaliteratura, Estudos Literários, Estudos Culturais e Teoria Crítica d'O Imaginário. PETiano egresso do Programa de Educação Tutorial (PET) — Conexões: Arte, Cultura e Educação em Comunidades populares e quilombolas na UFRPE/UAG. E-MAIL: SANTANALUIZH@GMAIL.COM

<sup>2</sup> Digo artista, pois talvez seja esse predicado exigido pelo sujeito complexo que é Sofia Boito, pois, a escrita, a dramaturgia, a performance e a pesquisa são algumas das várias atuações desse ser que se versa, prosea e performa sobre vários lados do prisma do universo.

Anton Tchecov em um de seus diários deixou uma anedota: Um homem, em Monte Carlo, vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, se suicida<sup>3</sup>. A partir dessa anedota, de uma premissa que seria a base de um possível conto, o escritor russo depreende que no conto há duas histórias; nem todos, mas uma grande parte. Nisso há uma narrativa menor que retrata a ida ao cassino e a vitória, o retorno e a morte, mas há uma narrativa maior, a narrativa do estado psicológico do indivíduo e esvaziamento da vida e do seu significado.

Dito isso, o livro que se propõe de contos, informação contida na ficha catalográfica, tem um gênero indefinido, ou melhor ainda não se rotula tal qual as caixinhas de análise dos gêneros literários — há textos que fogem entre os dedos. A narrativa menor compreende a narradora de todos os contos e como ela rememora a partir dos estímulos das imagens. A narrativa maior compreende a autora que em um dia difuso decide por retorna a última gaveta da cômoda e não se contenta em ver as imagens, fotografia e afins, de maneira breve, mas decide analisar e remorar as recordações já perdidas, ou talvez não. E nessas recordações a autora se vê em um divã de autoanálise, mas ela só está sentada vendo imagens sem se reconhecer em nenhuma delas.

Desse lugar do vazio e da falta do reconhecimento surge o descontentamento, o fervor, a sensualidade, o erótico, a aflição, a necessidade de não ser indiferente, o tédio de dado momento e a efervescência de outros. Talvez escrever memórias seja um dos maiores exercícios de ficção, pois estas são inconfiáveis, já que passam pelo crivo da memória e a memória trabalha na edição de momentos. Mas ainda assim é belo, não existe narração confiável, a verdade e a ficção são temporárias e mundo é mutável da sua gênese ao seu fim. Seguir-se-á ao texto.

Em *Retratos de 35mm*, e aqui esclareço porque caracterizar como seções e não como capítulos, os textos que são contidos em cada seção são vazados, independentes e co-dependentes ao mesmo tempo, de outros, assim por não ser fechado isso e se tratar da junção de outros textos subdividir em capítulos é ínfimo para o que o texto sugere. Assim, nessa primeira seção a narradora faz uma incursão voltando-se para si, mas por meio da menção na terceira pessoa do singular no feminino, ela. Fato é que, exceto o primeiro texto que é intitulado de Autorretrato em cor, os demais iniciam seus títulos com “ela...” e algum complemento. Mais à frente a narradora do texto explica que isso ocorreu pois,

"A vontade que lhe dá é de dizer que ela não é aquilo, ela não é aquela ali. Ela é outra. Ela é um conjunto de coisas que não se reflete em espelhos,

---

<sup>3</sup> PIGLIA, Ricardo. Formas breves. **In: Teses sobre o conto** Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89.

que não deixam de existir, de um momento para o outro, quando ela se ausenta de si. Ela é um volume denso, compacto, latejante, que dura e se transforma na passagem de um tempo que nenhuma superfície espelhada poderia refletir." (BOITO, 2021, p. 14)

As imagens suscitam outras versões de si, talvez por isso, seja perceptível que a obra pode ser lida a luz do conceito foucaultiano de “escritas de si<sup>4</sup>” (2004, p.145), mas é possível destacar que esses possíveis *eu's* são outros.

Na segunda seção intitulada de *Instantâneos fotográficos e papéis rasgados* a poesia e as imagens que partilham o sensível é algo que narrador que se vê agora eu poético e performer dos instantes capturados pela lente fotográfica e do ser que evoca o sentimento aflorado pelos papéis rasgados. Há uma presença de um ser que corresponde pelo gênero masculino, mas fica quase impossível ponderar pelo que seja, talvez seja pela ausência e é algo preciso, pois a falta presentifica esse ser e em mais uma ocasião o mundo acaba, mas nem tanto, pois,

“ontem a noite  
você inventou para mim  
- e só para mim -  
a rosa”  
(BOITO, 2021, p. 55)

E o eu poético se perde, se dilui e se encontra, nessas voltas a si, que agora já são outros. Na terceira seção do livro, *fotos 3x4*, é perceptível que a imagem, a foto 3x4 delegada a documentos oficiais seja utilizada, ela está no nosso Registro Geral, popularizado como identidade. Os trechos dessa seção são cursos assim como a formatação da foto que nomeia a seção, nos parece que esse ser diegético que percorre o texto é poético e tende a ansiar pela brevidade. Eu quero ser breve, mas ela consegue ir além, e diz de si o seguinte:

Quero ser vento [...]  
Invisível e profundo

---

<sup>4</sup> “A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário. Mas, simultaneamente, é levantada uma segunda analogia, que se refere à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento: o constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta. E escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão ao diretor espiritual sobre a qual Cassiano dirá, na linha da espiritualidade evagriana. \* que ela deve revelar. Sem exceção. Todos os movimentos da alma (omnes cogitationes).” (FOUCAULT, 2004, p. 145)

Inaudível e triste  
 Imperceptível e selvagem  
*Para que os homens tentem me inventar e não consigam*  
 (BOITO, 2021, p. 55)

Indomável.

Na quarta seção a autora explora os álbuns de viagens passar pela *Bahia - Lisboa 1500; Itabira 1956; Páris 1968; Cuba 1995; Leste Europeu, anos 2000*. Iniciar do ano comumente entendi pela invasão do Brasil é uma empreitada e tanto na tentativa de se encontrar enquanto invadida e saqueada. Parece que a autora entende o Brasil como Terra e terra como mulher, e toda essa relação transversal como sendo uma metáfora, o corpo feminino não é de si, é de outros, e essa busca por tornar dono de si a conduz ao fatídico e desgraçado início. Acerca disso ela diz seguinte: "Eu já sabia como tudo iria terminar. No primeiro segundo que entrevi a caravela que aportavam na praia. Não há ninguém que não saiba quando está sendo invadido. Eu soube. No instante que saí da minha mata. Previ tudo." (p.75)

Nessa seção é possível fazer uma leitura a luz do entendimento de Walter Benjamin (1987, p. 187) acerca do narrador, quando este teórico faz uma leitura dessa obra do Nicolai Leskov, pois falando minimamente, para Benjamin existem dois narradores: aquele que imagina situações não vividas e escreve e aqueles que escrevem as ocasiões experimentadas. A narradora dos álbuns experimentou aquilo, deduzimos isto, pois ela partiu do ponto de uma realidade ordenada e objetiva para a descrição ficcional, se não viveu tudo viveu boa parte.

A última seção, antes de uma nota do autor não padronizada é intitulada de *Cartão Postal*, mas ao compreender o gênero proposto pelo título a narradora desse cartão indica que o remetente é o seu ser, algo pelo qual lembrar. A narradora olha para os sonhos revolucionários de tantas estimativas e expectativas que não cabem mais em poesia, por isso a prosa para si e um motivo pelo qual reconhecer que o tempo limita os afazeres mais detalhados. A morte põe fim a vida e não se pode viver pelo meio.

Assim, a narradora inicia o fim: "pois sou apenas isto que vemos sentada à beira do rio. Parte da paisagem, como todos" (p. 93). Portanto, o que Sofia Boito, implica nessa obra são essas imagens internas, externas, celestiais, infernais e súbitas. Dedicadas às memórias que se presentificam. Além de questionar vários lugares de vários sujeitos, nas fronteiras do social e a margem do mundo. Sofia evoca sentidos, emoções e sensações. Um texto rotulado como conto, mas poético em sua essência, performático em sua transversalidade e bonito no seu Ser. Afinal,

todos temos artefatos, memórias e falhas perdidas e esquecidas, no fundo da gaveta da cômoda. Leiam autores contemporâneos e prestigiem, quando esses autores morrem o reconhecimento tardio de nada serve. O agora urge.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: Ditos & escritos V – Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.144-162.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 - 221.

BOITO, Sofia. **No fundo da última gaveta da cômoda**. São Paulo: Editora Patuá. 2021

PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. In: Formas breves. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89.